

VIRTUAL MAS NÃO MENOS REAL: UM ESTUDO DO
CYBERBULLYING E SUA RELAÇÃO COM O DESCOMPROMISSO
MORAL E A EMPATIA

Cecília Esteves / Ana Almeida / Susana Gomes

Instituto de Educação – Universidade do Minho

A violência escolar tem sido largamente reconhecida como um problema sério e global, que ocorre de forma persistente e crescente durante os períodos da pré-adolescência e adolescência (Li, 2007). Nos anos 90 do século passado, a maioria dos incidentes violentos entre alunos envolvia, usualmente, armas de fogo. Episódios como o Massacre de Columbine, um dos piores da história norte-americana ocorridos em recinto escolar, ou o mais recente Massacre na Alemanha numa escola dos arredores de Estugarda, ainda estão bem presentes na memória de muitas pessoas. Em ambos os casos, os atiradores anunciaram na Internet que cometeriam tais crimes. Em contraste, nos dias actuais, o uso das TIC, principalmente da Internet e dos telemóveis, aumentou drasticamente entre os mais novos. Os adolescentes de hoje representam a primeira geração a crescer numa sociedade na qual a Internet e os telemóveis são uma parte integrante do dia-a-dia (Raskauskas & Stoltz, 2007). A difusão das novas tecnologias nas escolas tem efeitos positivos irrefutáveis na Educação ao favorecer o rápido acesso à informação, as aprendizagens colaborativas e a interacção social entre os alunos. No entanto, isto também pode trazer graves problemas para dentro da sala de aula com os quais nunca ninguém se tinha deparado antes, como o é o *cyberbullying* (Li, 2005).

DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CYBERBULLYING

O *cyberbullying* é uma nova forma de maltrato que envolve o uso das TIC tais como *e-mail*, telemóvel e *pager*, mensagens instantâneas, sites difamatórios pessoais e sites difamatórios de votação pessoal, por meio de um comportamento deliberado, repetido e hostil protagonizado por um indivíduo ou grupo que tem a intenção de irritar, intimidar, oprimir, ameaçar ou atormentar intencionalmente alguém (Belsey, 2008). De acordo com Willard (2007), as formas mais comuns de agressão electrónica podem ser agrupadas em 7 categorias: (1) *flaming* (provocação). Enviar mensagens maldosas, rudes e vulgares sobre alguém a uma pessoa

ou grupo via *e-mail* ou SMS (Short Message Service); (2) *harassment* (hostilização/assédio). Enviar repetidamente mensagens obscenas, maldosas e ofensivas a alguém via *e-mail* ou SMS; (3) *cyberstalking* (perseguição *online*). Perseguir alguém *online* por meio de ameaças danosas ou excessivamente intimidatórias; (4) denegrir (deitar-abaixo). Tecer comentários prejudiciais, falsos ou cruéis sobre alguém e partilhá-los com outras pessoas através do telemóvel ou da Internet; (5) mascarar. Enviar ou colocar material *online* em nome de uma outra pessoa por forma a prejudicá-la; (6) *outing* (divulgação de dados pessoais sem autorização do próprio). Enviar ou colocar material sobre uma pessoa que contém informação privada, delicada ou embaraçosa, incluindo mensagens ou imagens de carácter íntimo; (7) exclusão. Excluir intencionalmente alguém da sua rede de amigos.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE CYBERBULLYING E BULLYING TRADICIONAL

A principal semelhança entre o *bullying* e o *cyberbullying* reside na desigualdade de poder entre os intervenientes (agressor e vítima). Com efeito, em ambos os fenómenos, o agressor tem sempre a intenção de magoar a vítima através do poder e controlo, resultando, portanto, numa relação de poder assimétrica (Beran & Li, 2007). Este factor aliado à persistência no tempo distingue o *bullying* e o *cyberbullying* da agressão ocasional que ocorre entre pares.

As diferenças são de natureza vária. A primeira cinge-se aos meios utilizados pelo agressor para atingir a vítima: no mundo digital, os músculos dão lugar às palavras ofensivas e aos comentários jocosos emitidos através das TIC (Maia, 2008). Daí que, no *bullying*, o agressor seja fisicamente superior à vítima comparativamente com o agressor de *cyberbullying*, que tende a ser mais fraco (Strom & Strom, 2005). A segunda diferença diz respeito à invisibilidade do *cyberbully*. Contrariamente aos actos de *bullying* que ocorrem em locais onde o agressor e a vítima estão geograficamente próximos e interagem face-a-face, sabendo o autor de imediato os efeitos da agressão que inflige, no *cyberbullying* os actos praticados à distância mantêm-no na total ignorância (Hinduja & Patchin, 2007). Camuflado sob a capa do anonimato (e.g., uso de pseudónimos), cria-se uma barreira entre o *cyberbully* e a sua vítima que o impede de ver com os seus próprios olhos as consequências reais das suas palavras e torna mais

fácil a perpetração das suas práticas violentas (Li, 2005). Na ausência deste *feedback* directo, o agressor sente-se livre do peso moral e da culpa que a situação presencial lhe poderia causar, acreditando firmemente que não será apanhado e castigado (Smith et al., 2008). Uma outra diferença diz respeito à amplitude da audiência. O *cyberbullying* pode atingir vastas audiências, na medida em que os actos violentos já não são praticados no átrio ou no balneário da escola perante um número restrito de espectadores. Na Internet, esta realidade ganha uma dimensão sem limites, estando acessível a qualquer pessoa (Slonje & Smith, 2008). Campbell (2005) aponta também para a diferença relacionada com o poder da escrita, ou seja, qualquer ameaça recebida por Internet ou telemóvel pode ser vista e lida vezes sem conta pela vítima vezes. Neste sentido, as palavras escritas parecem mais concretas e “reais” do que as palavras faladas, as quais podem ser lembradas mas não visualizadas. Mas, a maior mudança em relação ao *bullying* tradicional incide sobre o facto de a vítima não ter escape que lhe valha. Isto é, no *bullying*, o lar é encarado como um lugar de aconchego e protecção ou um refúgio pela vítima, em que ela se vê livre dos actos violentos a que é sujeita na escola, pelo menos até ao dia seguinte. O mesmo não acontece com a *cybervítima*, uma vez que ela pode ser alvo de ameaças não só dentro como fora dos muros da escola. O Quadro 1 resume as principais diferenças existentes entre *bullying* e *cyberbullying*.

Quadro 1

Comparação entre bullying tradicional e cyberbullying

	<i>Bullying</i> tradicional	<i>Cyberbullying</i>
Meios usados	Força física	TIC
Identidade do perpetrador	Conhecida	Desconhecida
Punição do agressor	Frequente	Rara
Audiência	Espectadores presentes	Espectadores mundiais
Poder das palavras	Mais fraco → não há registo escrito das palavras orais	Mais forte → há um registo escrito
Local	Espaço escolar	Qualquer lugar
Tempo	Antes, durante e após as aulas	Qualquer hora

Prevalência do fenómeno

Apesar do tema da comunicação electrónica já ter sido exaustivamente explorado por várias disciplinas académicas, a investigação empírica na área do *cyberbullying* é ainda escassa à escala internacional, em virtude da sua emergência recente. Porém, pouco a pouco, os investigadores têm demonstrado interesse e preocupação sobre esta problemática. O quadro 2

synetiza os principais resultados recolhidos pelos vários estudos empíricos sobre *cyberbullying* realizados à escala internacional.

Quadro 2

Estudos empíricos internacionais sobre *cyberbullying*

Ano de publicação	País	Autor(es)	Amostra	Prevalência	
				Vítimas	Agressores
2000	EUA	Crimes Against Children Research Center (CCRC)	1501 jovens	6%	9%
2002	Reino Unido	National Children's Home (NCH)	770 jovens	25%	
2005	Austrália	Campbell	120 alunos	14%	11%
2006	Reino Unido	Smith, Mahdavi, Carvalho, & Tippett	92 alunos	29%	
2007	Canadá	Li	264 alunos	33%	20%
2007	Austrália	Lodge & Frydenberg	652 adolescentes	21%	
2007	EUA	Raskauskas & Stoltz	84 alunos	49%	21%
2008	EUA	Hinduja & Patchin	1378 jovens	68%	34%
2008	Suécia	Slonje & Smith	360 alunos	5,3%	10,3%
2009	Luxemburgo	Steffgen & Konig	2070 alunos	14,1%	

DESCOMPROMISSO MORAL E CYBERBULLYING

Bandura (1999) descreve o descompromisso moral como um processo sócio-cognitivo através do qual uma pessoa é capaz de efectuar acções negativas contra os outros. Este processo tem como propósito desinibir os indivíduos, levando-os a realizar com mais probabilidade actos nefastos, pois não desenvolvem sentimentos de auto-censura e culpa.

Falar da relação entre descompromisso moral e *cyberbullying* é trilhar caminhos pouco conhecidos e inseguros em virtude da inexistência de evidência empírica sobre o tema. No entanto, já foram dados os primeiros passos no âmbito da relação entre descompromisso moral e *bullying* convencional, cujas pesquisas indicam que os *bullies* apresentam níveis tendencialmente elevados de descompromisso moral em comparação com as vítimas e os espectadores (Almeida, Correia, & Marinho, 2009; Hymel, Roche-Henderson, & Bonanno, 2005; Menesini, Codecasa, Benelli, & Cowie, 2003).

EMPATIA E CYBERBULLYING

A empatia pode ser definida como um constructo multidimensional com uma componente afectiva e outra cognitiva que facilita a compreensão das

emoções dos outros (Steffgen & König, 2009). A empatia fomenta comportamentos pró-sociais e inibe os anti-sociais, na medida em que os indivíduos com uma elevada empatia têm tendência para procurar aliviar emoções negativas nos outros, para além de realizarem mais facilmente acções que beneficiam os outros. O oposto também é válido, pois os sujeitos que manifestam uma baixa empatia têm mais dificuldades na redução do *stress* ou desconforto nos outros devido ao facto de não se sentirem afectados pela experiência vicariante (Jolliffe & Farrington, 2006). Gini, Albiero, Benelli, e Altoè (2007) caracterizam-nos como detentores de uma “cognição fria”.

A relação entre empatia e *cyberbullying* parece ser pautada pelos mesmos pressupostos teóricos, isto é, os *cyberbullies* revelam menos empatia comparativamente com os não envolvidos, registando-se uma correlação negativa entre *cyberbullying* e empatia (Steffgen & König, 2009). O anonimato e a distância existente entre o perpetrador e a vítima contribuem para que o primeiro não consiga observar as consequências imediatas do seu comportamento e, assim, carecer da capacidade para ponderar o impacto na segunda.

O ESTUDO DO CYBERBULLYING EM PORTUGAL

Os objectivos deste estudo são: (1) investigar a natureza e extensão do *cyberbullying* em função do género e do nível de ensino (básico e secundário) numa amostra de adolescentes portugueses em meio escolar recrutados de dois contextos urbanos (Braga e Lisboa); (2) comparar o uso do *cyberbullying* através do telemóvel e da Internet e associar práticas com estatutos (vítima, agressor, agressor-vítima e não envolvidos) e; (3) analisar a relação entre estatutos e diferentes processos sócio-cognitivos (descompromisso moral e empatia).

MÉTODO

Participantes

A amostra total é constituída por 1735 adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 27 anos ($M=15$ anos; $DP=1.99$), dos quais

47,5% são do sexo masculino e 52,5% são do sexo feminino. Os participantes foram recrutados de 23 escolas básicas dos distritos de Braga ($n=7$) e Lisboa ($n=16$) e de 6 escolas secundárias de Braga, frequentando anos de escolaridade entre o 7º e o 12º.

Quadro 3

Caracterização da amostra quanto ao género e ao nível de escolaridade

	Ensino básico	Ensino secundário	Total
Sexo masculino	447	377	824
Sexo feminino	487	424	911
Total	934	801	1735

Material

- Daphne Cyberbullying Questionnaire (Smith et al., 2006);
- Moral Disengagement regarding School Bullying Scale (Hymel et al., 2005);
- Basic Empathy Scale (Jolliffe, 2006);
- Interpersonal Reactivity Index (Davis, 1983).

Procedimentos

A passagem dos questionários decorreu durante os tempos lectivos com o professor sempre presente. Os alunos foram esclarecidos sobre a natureza e os objectivos do estudo, assegurando-se a confidencialidade dos dados.

RESULTADOS

Natureza e extensão do cyberbullying

O estudo confirma que o fenómeno do *cyberbullying* é ainda recente em Portugal, uma vez que os índices de prevalência encontrados na amostra de adolescentes em meio escolar mostram que o número de vítimas varia entre 4% e 8%. É sobretudo no ensino secundário que o *cyberbullying* toma maiores proporções.

Quanto ao género, constatou-se que a agressão electrónica via telemóvel e Internet é perpetrada sobretudo por rapazes sobre raparigas, quer no ensino básico quer no ensino secundário.

Relação entre descompromisso moral, empatia e cyberbullying

Os adolescentes que se identificaram como agressores ou agressores-vítimas em ambos os níveis de ensino considerados revelam altos níveis de descompromisso moral por oposição às vítimas, o que sugere que os processos sócio-cognitivos são mecanismos importantes de racionalização e justificação dos actos de *cyberbullying* e, portanto, meios poderosos de escape à auto-censura. Importa relevar o facto dos níveis de descompromisso moral no estatuto dos agressores-vítimas serem mais elevados do que os níveis manifestes pelos agressores. Estes resultados permitiram confirmar que o descompromisso moral é preditor do *cyberbullying*.

No que diz respeito à empatia, os resultados encontrados não são claros e, por conseguinte, não permitem afirmar com certeza que a empatia cognitiva e afectiva funcionem como processos diferenciais no *cyberbullying*.

DISCUSSÃO

Os resultados apontaram para uma baixa prevalência do *cyberbullying* no contexto escolar português, sendo no ensino secundário que o número de casos registados é mais elevado. Estes dados permitem tecer duas conclusões. A primeira diz respeito à percepção da gravidade do problema, pois, apesar do número de casos ainda ser pouco significativo, tal não quer dizer que se deva adoptar uma postura de passividade, esperando que o *cyberbullying* atinja proporções severas. É sabido que a prática da agressão electrónica pode afectar seriamente o bem-estar psicológico dos intervenientes e, por isso, torna-se de vital importância apostar no desenvolvimento de estudos longitudinais que se foquem na identificação dos factores de risco e dos factores protectores das vítimas, dos agressores e dos agressores-vítimas, por forma a delinear e implementar planos preventivos e interventivos atempados e efectivos. A segunda é a de que, em conformidade com a revisão da literatura efectuada, o *cyberbullying* não diminuiu com a idade, fazendo um percurso inverso aos maus-tratos presenciais. Isto pode ter a ver com o facto dos jovens passarem mais tempo na Internet à medida que a idade avança, tal como o presente estudo o indica e, por conseguinte, se sentirem mais familiarizados com as TIC. A questão das diferenças de género na prática do *cyberbullying* merece também uma maior dedicação, dado que a investigação não é consensual a

este respeito. Neste trabalho, verificou-se que o género é preditor do *cyberbullying* quer no ensino básico quer no ensino secundário, em virtude dos actos de *bullying online* via telemóvel e Internet serem maioritariamente perpetrados por rapazes e das raparigas serem mais vitimizadas.

O constructo do descompromisso moral desempenha claramente um papel significativo no *cyberbullying*. De todos os estatutos considerados, constatou-se que os agressores-vítimas são aqueles que mais se valem de processos sócio-cognitivos para racionalizar e fundamentar a prática do *cyberbullying*.

Os dados obtidos ao nível da empatia cognitiva e afectiva não revelaram um padrão uniforme. Por conseguinte, torna-se pertinente desenvolver investigação futura sobre a relação entre a empatia cognitiva, a empatia afectiva e o *cyberbullying*, de modo a clarificar se há ou não uma relação negativa e consistente entre estas variáveis. Mais uma vez, parece que os rapazes têm menos responsividade empática cognitiva e afectiva do que as raparigas.

A principal limitação do estudo prende-se com a constituição da amostra, uma vez que os participantes foram seleccionados a partir de escolas básicas e secundárias públicas de dois centros urbanos do país. Num futuro próximo, seria importante alargar a amostra a escolas públicas mas igualmente privadas de outras regiões dos quatro cantos do país, incluindo não apenas meios urbanos como também zonas rurais. Além disso, futuras amostras poderão abarcar alunos do ensino primário e do ensino superior, de modo a comparar as diferentes taxas de prevalência nos diferentes níveis de ensino e verificar se há realmente uma evolução positiva do fenómeno à medida que se avança na idade.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A., Correia, I., & Marinho, S. (2009). Moral Disengagement, Normative Beliefs of Peer Group and Attitudes Regarding Roles in Bullying. *Journal of School Violence* (DOI JSV_2009_004-R, in press).
- Bandura, A. (1999). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Personal and Social Psychology Review*, 3, 193-209.
- Belsey, B. (2008, Primavera). Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation. *Canadian Teacher Magazine*, 18-19.
- Beran, T., & Li, Q. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33.

- Campbell, M.A. (2005). Cyber bullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 15(1), 68-76.
- Gini, G., Albiero, P., Benelli, B., & Altoè, G. (2007). Does empathy predict adolescents' bullying and defending behavior? *Aggressive Behavior*, 33, 467-476.
- Hinduja, S., & Patchin, J.W. (2007). Offline consequences of online victimization: School violence and delinquency. *Journal of School Violence*, 6(3), 89-112.
- Hinduja, S., & Patchin, J.W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29, 129-156.
- Hymel, S., Rocke-Henderson, N., & Bonanno, R.A. (2005). Moral disengagement: A framework for understanding bullying among adolescents. *Special Issue: Journal of Social Sciences*, 8, 1-11.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29, 589-611.
- Li, Q. (2005). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers and Human Behavior*, 23(4), 1777-1791.
- Li, Q. (2007). Bullying in the new playground: Research into cyberbullying and cyber victimization. *Australasian Journal of Educational Technology*, 23(4), 435-454.
- Lodge, J., & Frydenberg, E. (2007). Cyber-bullying in Australian schools: Profiles of adolescent coping and insights for schools practitioners. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 24(1), 45-58.
- Maia, P. (2008, 24 de Setembro). Cyberbullying afecta alunos de Braga. *Correio do Minho*, 6-7.
- National Crime Prevention Council. (2006). *Stop cyberbullying before it starts*. Recuperado em 18 de Outubro de 2007, de <http://www.ncpc.org/resources/files/pdf/bullying/cyberbullying.pdf>
- Raskauskas, J., & Stoltz, A.D. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Developmental Psychology*, 43(3), 564-575.
- Slonje, R., & Smith, P. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, 147-154.
- Steffgen, G., & König, A. (2009). *Cyber bullying: The role of traditional bullying and empathy*. Recuperado em 30 Abril de 2009, de <http://miha2.ef.uni-lj.si/cost298/gbc2009-proceedings/papers/P200.pdf>
- Strom, P.S., & Strom, R.D. (2005). When teens turn cyberbullies. *The Educational Forum*, 70, 21-36.
- Willard, N. (2007). *Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats*. Recuperado em de 2 Novembro de 2007, de <http://www.cyberbully.org/cyberbully/docs/cbcteducator.pdf>